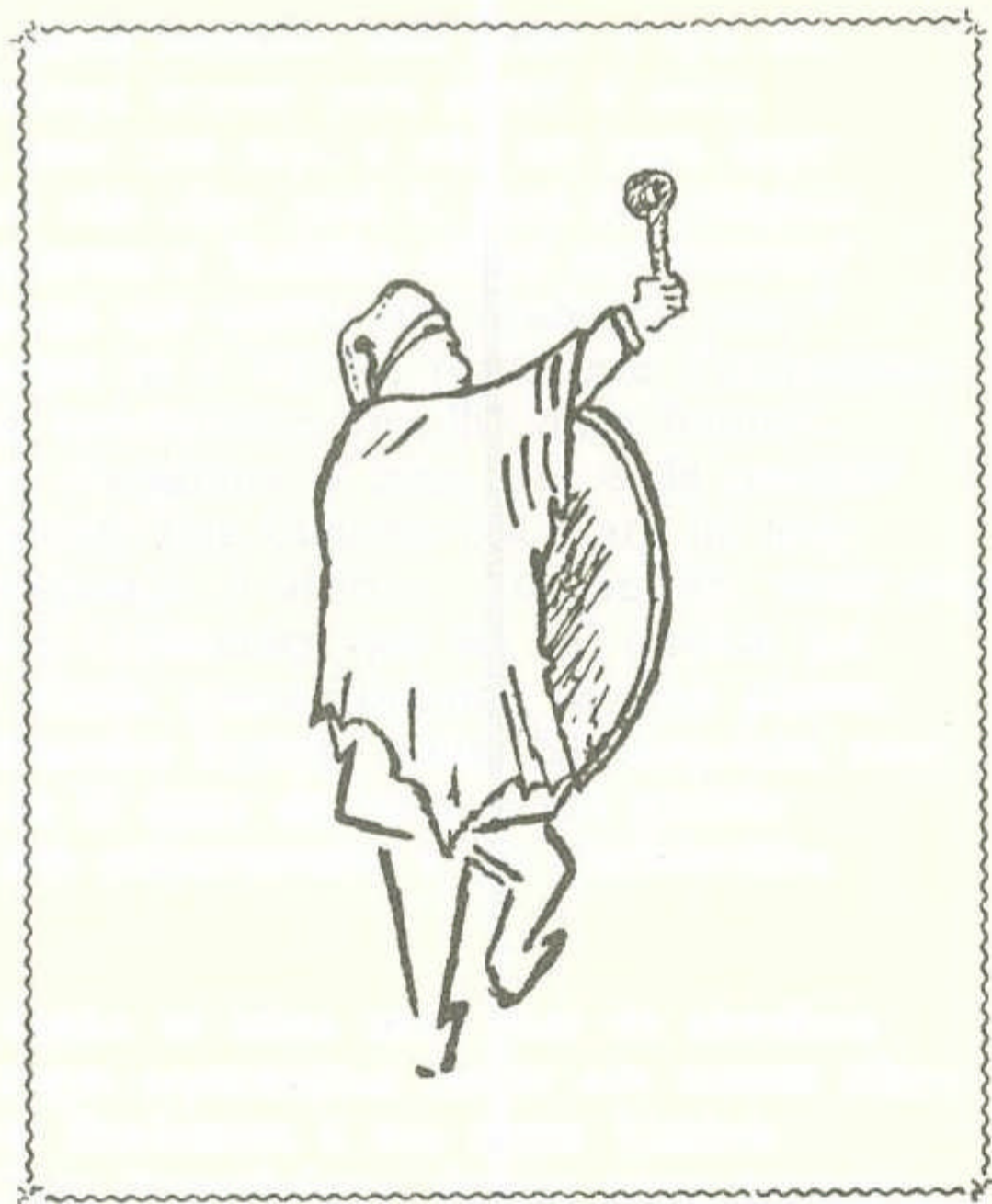


Festas Nicolinas

O Pregão de S. Nicolau

Recitado em 5 de Dezembro de 1966
pelo Estudante do 7.º Ano do Liceu
de Guimarães.

Alfredo Nuno Fernandes Maia



Of. S. José-Guimarães

Por ordem de Minerva em magna assembleia
Segundo um uso antigo a nobre estudantada
Deliberou e bem, assentando na ideia,
Que a FESTA se fariã da arte cõstumada.

Rei Zabumba ao sabê-lo logo se despacha
E acorre a rir... a rir... fantástico truão!
Trazendo atrás de si a sua filha Caixa
Para prestar as honras próprias da função.

Dona Moca ao ouvir também a boa nova
Não quis faltar à FESTA e veio num trejeito
Não que seja preciso dar alguma sova,
Sõmente com um fim, o de meter respeito.

A postos tudo pois, meu séquito formado,
Eu vou lançar ao ar aqui mais um Pregão;
Anunciando a FESTA hoje será mandado
Aqui de Guimarães um novo Foguetão.

Ó tu que vais passando aí tão apressado:
Não vás mais adiante, estuda o Pregoeiro,
A vida é uma corrida mas... toma cuidado,
Corrida para a morte e tu vais em primeiro.

Neste breve intervalo entre o prazer e a dôr
Pára um bocado só, não sigas mais em frente
E colhe de alegria a graciosa flor,
Que te oferecida é tão generosamente.

A nossa geração pertence à nova vaga
Da música yé-yé e outras coisas mais,
Por isso é natural possível é que traga
Em si todo o sinal dos tempos actuais
Que o estudante agora não é como dantes
Um mísero sem cheta, aí feito basbaque...
Tem fatos a granel, faz gastos importantes,
E vejam (que beleza...) até fuma Kayak!
Não bebe como outrora ponche, aniz, gasosa...
E outras drogas mais que até causam desdém,
Bebe whisky, isso sim... (coisa maravilhosa!)
Katt Sessenta e Nove ali de Sacavém;
Mas guarda no seu peito a mesma antiga crença
No bom São Nicolau fiel à Tradição,
Não deixa que se perca ou caia na indiferença
A FESTA que Sampaio amou com devoção
E que Bráulio cantou em versos geniais,
A FESTA que já foi dos nossos bisavós,
Nossos avós depois, por fim dos nossos pais
E que é dos yé-yés e foi dos yó-yós;

FESTA mais do que FESTA, autêntico festão
De rosas enfeitando a alegre mocidade
E vai passando sempre assim de mão em mão
Num desfile de sonho até à eternidade.

Aqui mais devagar, agora é outro o tom,
O andamento é outro, lento e não andante,
Falar de Guimarães merece com razão
Meditação profunda, inspiração constante.
Vejam pois com calma o que é que vai por cá:
Temos Câmara nova a prometer progresso
(Aquilo que nos falta... aquilo que não há)
Nuns Paços do Concelho, velhos em excesso,
A tresandar bolor, com ratos à mistura
Roendo mil projectos nunca executados;
Planos grandiosos em negra sepultura
Dormindo o sono eterno p'ra sempre olvidados
Como esse do quartel Cavalaria Seis
Que nunca mais voltou com os seus bravos soldados
Montando magníficos e épicos corceis
E burros temos só andando tudo a sete;
Ali também se guarda ainda a bela ideia
Da construção do Hotel, turístico bilhete,
Ali vala comum completamente cheia
Dos sonhos da cidade... há hoje gente nova!
E um borborinho enorme, azáfama invulgar
Diz-nos que por milagre (aguardemos a prova)
Muitos projectos vão ali ressuscitar.
Eu sei que um caso ou outro é ruim e delicado,
Mas tudo pode ser depressa resolvido:
O trânsito por vezes fica engarrafado?
Tira-se a rolha e pronto, ei-lo desempedido
Jorrando pelas ruas qual caudal de um rio...
E a rolha é de auto-carros não mais que a paragem
Em sítios indevidos para fazer poisio;
Se à noite a garota espalha pelo chão
O lixo pôsto às portas p'ro carro levar,
Se uma vez ou outra aparece um ladrão...
Furta dum automóvel tudo o que lá achar,
O caso é muito simples, pede vigilância,
Arranje-se Polícia que dê para a Cidade
E ao que fôr apanhado nessa manigância
Aplique-se-lhe a Lei sem dó nem piedade,
Que importa que se diga «ali anda o diabo»
Se as obras do Estádio vão mesmo para o fim...
Um pouco de água benta bastará ao cabo
Para correr co' o demo, se acaso for assim;
Se se murmura aí que a Escola Industrial
(Isto não é chalaça) deu à luz um filho,
Ali em Santa Clara, pôs uma Filial...
A pobre, uma menor, metida num sarilho
E o pai não quer saber, do caso se abstrai...
Não tem remédio? Tem, intente-se uma acção
Ao autor do Projecto, ele é que é o pai
Ou emenda o que fez... ou vai para a prisão.
Quanto à chamada só «Central de Camionagem»,
Ser ou não ser no fundo nunca foi questão,
Dê-m-lhe um outro nome, mais próprio, adequado
— «Central da Recoveira» (Não tenho eu razão?)

Se tudo o mais ficou na mesma em mais dum lado,
Só ela obedeceu... E o prédio dos Correios?
Não acham que o que temos (não pode haver pior)
É velho e acanhado e já estamos cheios,
Cansados de esperar?! Senhor Correio Mor:
Tenha paciência e ouça este nosso apelo
Mande fazer um prédio que sirva Guimarães,
Não tem jeito nenhum o caso que revelo,
Andarmos para aqui tratados como cães.

E vós feros *Leões* e maus Sportinguistas
Que o campo do desporto em selva transformais
Se sois como dizeis, assim tão moralistas,
Porque ao Vitória vós quereis tirar Morais
Pelos processos ruins da trama preparada
No bastidor da intriga e sedução silente?
Vós tendes essa juba e o Vitória a espada
Do Rei Conquistador para lutar de frente;
Negociai com ele e não com o Brasil
Porque o Morais sòmente ao Vitória pertence
E há-de pertencer sempre até que sem ardid
Consigais que de livre voto este o dispense;
Seja qual for por fim o sumo veredicto
Acima dele próprio está 'inda a consciência
E nem falácia vã o belo manuscrito
De Resende e quejandos terão ciência
P'ra convencer alguém honesto ou bom juiz,
Por muitos argumentos que em jornais vá lendo
De que vale ser campeão neste País,
Que possuir razões de sobra não o sendo

Senhoras! Perdoai num vossa gesto brando
Àqueles jovens loucos que os cabelos trazem,
Compridos como vós, andar-vos imitando;
Senhoras, perdoai... não sabem o que fazem!
A esses falsos «beatles» dai-os ao desprezo,
Vós tendes-nos a nós, a nós aos estudantes
Que embora yé-yés são já homens de peso
E nunca vão atrás de modas humilhantes;
Roubaram-vos, marotos, o exclusivo a gosto
Que vós tão mal guardaste apenas um segundo...
Ladrões dos atractivos, sim, do sexo oposto,
Está perto, meu Deus, acaso o fim do Mundo?
Deixá-los lá andar fazendo tristes cenas,
Que o mal depressa passe e nada dele fique,
Preciso era sòmente que com as suas penas
Voltasse por aí um tal Pina Manique;
E permiti-me ainda a audácia dum conselho:
Proscreei para longe a horrível mini-saia
(Vestido quase um palmo acima do Joelho)
Não há nada pior e nem que tão mal caia
A quem ama a beleza, vê-la escarnecida
Por um mordaz sorriso ou infame olhar
E que sobre ela então maldosamente incida.
Seria assim convosco ó santas desse altar
Onde vamos rezar a oração do amor
Se vós não conservasses sombra de recato
E fosse adoptar com todo o impudor
De Londres aff... modelo insensato:

Abaixo a mini-saia pois com toda a alma
E conservai-me intacto esse vosso aspecto
Tão cheio de pureza e de lilial palma,
Oponde à mini-saia, sim, o vosso veto.

Façam o que quiserem modernas inglesas,
Suecas ou francesas, belgas e alemãs
Que não conseguem ter das damas portuguesas
O encanto que as fez à muito campeãs
Da graça feminina em todo o Universo;
Não pode haver confronto em dotes naturais,
O sorriso que prende e o olhar tão diverso...
A boca que profere palavras ideais...
Ó belas, escutai: Se vós as mais vanceis
Haveis de ter um prémio, condigno troféu,
Aqui, em Guimarães, amanhã dia seis
A maçãzinha de ouro, esse pomo do Céu
Que fez perder Adão, levou a pecar Eva...
A tentação do amor, nova versão da oferta,
Agora d'Ele p'ra Ela em lança que se eleva
E que Deus abençoa, apoia pela certa.

E tu cara bonita, grácil rapariga
Que ao teu emprego vais correndo pressurosa:
A vida custa muito, a vida é uma espiga,
Porém ela p'ra ti é sempre cor de rosa;
Tua alegria é tal que vence as pedras duras
Do chão que pisas com tão garboso geito,
Confia sempre, pois o sonho que procuras
Guarda-o a gente aqui, aqui dentro do peito;
Viras a cara... então? E ris, fungas, soluças?
Que modos esses teus, levanta-me essa face,
Não gostas tu de mim—«está-se mesmo a ver... não 'stá-se?»

Rapazes atenção: A última palavra
Será dada por vós conforme é tradição;
Comece pois aí a música macabra
Da zabumbal orquestra em franca animação
Não vos demoreis, moços, vamos lá depressa
Esses bombos zurzi com ânimo e coragem;
Ao bom São Nicolau fazei mesmo a promessa.
Numa justa, solene e última homenagem,
Que nenhum ficará intacto em repouso,
Dai neles a matar com força que não finda,
As peles rebentai e se o burro é teimoso
Provai à evidência que vós sois mais ainda!
Produza vosso esforço efeito retumbante
Que atraia à nossa terra as tentações gerais,
Ao alto colocai este cartaz gigante:
As NICOLINAS são as FESTAS MUNDIAIS!

Dezembro de 1966.

O AUTOR,

Joaquim do Amaral Pereira da Silva

Visado pela Censura